

PENSANDO A ÉTICA NA ONTOLOGIA HEIDEGGERIANA
UM OLHAR ÉTICO SOBRE A ANALÍTICA EXISTENCIAL DE HEIDEGGER

Raimundo Wagner Gonçalves de Medeiros Gomes
Mestrando em Ética e Filosofia Política pela UFPI - PI
e-mail: wagner-filosofia@hotmail.com

Resumo: Ética, problema bastante abordado pelas mais diversas correntes filosóficas, não encontrou em Heidegger, uma obra específica para que fosse trabalhada, assim como, em Aristóteles, com sua obra *Ética a Nicômaco*, ou em Kant, com a *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Em Heidegger, a ética permeia seu discurso à medida que ele põe a filosofia tradicional e sua Metafísica em questão. Ao propor a superação da Metafísica, não por razões teóricas, pois neste campo ela é insuperável, Heidegger abre possibilidades infinitas de se pensar uma ética mais plural, mais subjetiva, uma ética compatível com o que Vattimo designou de Pós-modernidade.

Palavras-chave: ética, Metafísica, filosofia tradicional, superação, Pós-modernidade.

Abstract: Ethics, problem quite approached by the most several philosophical currents, didn't find in Heidegger, a specific work so that it was worked, as well as, in Aristotle, with your *Ethical by Nicômaco*, or in Kant, with of the *Metaphysics of the Habits Fundamentation*. In Heidegger, the ethics permeates your speech as he puts the traditional philosophy and your Metaphysics in subject. When proposing the beating of the Metaphysics, not for theoretical reasons, because in this field she is unbeatable, Heidegger opens infinite possibilities to think an ethics more plural, more subjective, a compatible ethics with the one that Vattimo designated of Powder-modernity.

Key-words: ethics, Metaphysics, traditional philosophy, beating, Powder-modernity.

INTRODUÇÃO

Heidegger, dando continuidade ao pensamento pós-moderno, já inaugurada por Nietzsche com sua problemática do *eterno retorno do mesmo*, com sua filosofia crítica da tradição filosófica, propôs sua superação, principalmente no que tange a sua Metafísica opressora, ao indicar o ser com o *sentido* que o *ente que tem o modo de ser da pré-sença*, o *Dasein*, dá na medida em que este, *no-mundo*, pela linguagem e, mergulhado numa *pré-compreensão*, se vê diante de si e das coisas, os *entes simplesmente dados*.

Seu pensamento convida o homem a pensar numa ética subjetiva tendo em vista, que a tradição o levou a cultivar o *fundamento metafísico último* como o alicerce das relações sociais. Heidegger ao pensar na superação da metafísica, faz o homem repensar a ética enquanto sentido, ou seja, uma ética que não tenha como fundamento nenhum conceito pronto e imposto por determinado extrato social, mas que se encontre no sentido que o ser mais próprio de cada ente que tenha o modo de ser do *Dasein* venha a dar. O pensamento em Heidegger que empreende uma busca pelo sentido do

ser, de certa maneira, não foge ao discurso ético. Uma vez questionado por um jovem acerca da possibilidade dele escrever uma ética, Heidegger respondeu:

Lá onde a essência do homem é pensada tão essencialmente, a saber, unicamente a partir da questão da verdade do ser, mas onde, contudo, o homem não foi elevado para o centro do ente, deve realmente despertar a aspiração por uma orientação segura e por regras que dizem como o homem, experimentado a partir da ec-sistência para o ser, deve viver convenientemente ou de acordo com o destino. A aspiração por uma Ética urge com tanto mais presa por uma realização, quanto mais a perplexidade manifesta do homem e, não menos, a oculta, se exacerba para além de toda medida.¹

Tendo como guia o acima exposto, será aqui trabalhado, em linhas gerais, o pensamento heideggeriano, salientando, principalmente, sua proposta de superação da Metafísica, sua *analítica existencial* e, de que maneira, sua ontologia pode conduzir o pensamento a cogitar a possibilidade de uma ética livre e multilateral longe da lógica linear do meio que o homem está inserido.

UMA CRÍTICA À ÉTICA DA TRADIÇÃO, A PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DE HEIDEGGER

Falar sobre ética em termos pós-modernos e, sobretudo no pensamento heideggeriano, significa, entre outras palavras, livrar-se de discursos determinantes que objetivam o ser e, principalmente, o modo de ser do homem. O ser na Pós-modernidade, diferentemente do pensamento Antigo e Moderno, não possui um único *sentido* dito e determinado por certa corrente de pensamento ou sistema. Nesta mesma tendência afirma Lyra que:

Num cenário em que a verdade perde seu caráter de fundamento, ou seja, de referência capaz de resistir aos múltiplos vieses interpretativos, põe-se a questão acerca do tipo de orientação para o agir que ainda pode permitir que se continue a falar de uma ética.²

Na Pós-modernidade, o ser pensado sob inúmeros horizontes que permanecem em aberto à espera de um sentido que nós mesmos, em nossa jornada

¹ HEIDEGGER, M. *Sobre o humanismo*. 1983, p. 169.

² LYRA, E. *O pensamento em Heidegger – a questão do pensamento como ética original*. 1999, p. 6.

individual e subjetiva, possamos buscar. A obra de Heidegger se desenvolveu numa *crítica* da tradição, entretanto, como bem identificou Vattimo, ele, assim como Nietzsche, é um dos precursores do pensamento Pós-moderno, pois não permaneceu na velha lógica Moderna: *tese-antítese-síntese* ³.

Nietzsche e Heidegger procuraram construir em relação à herança do pensamento europeu, que puseram radicalmente em discussão, recusando-se, porém, a propor sua “superação” crítica, pela boa razão de que isso teria significado continuar prisioneiros da lógica de desenvolvimento própria desse mesmo pensamento.⁴

A filosofia de Heidegger nos permite pôr em questão o modo de pensar a ética da Modernidade no instante em que ele sugere a *destruição* da metafísica, tendo em vista que foi ela quem permitiu a sociedade ocidental uma relação fundamentada em ideais metafísicos impostos, indissolúveis e inquestionáveis. Tal maneira de se impor uma ética cristã, através de conceitos metafisicamente prontos, levou o homem a um estado de submissão e inquestionabilidade, tornando-o, desta maneira, um ser domesticável e sujeito a dominação daqueles que aplicam tais desígnios. Para se falar sobre ética na obra heideggeriana é necessário antes um pequeno itinerário pelo essencial de sua ontologia para compreender de que maneira o *ser* deixou de ser algo determinado e passou a ser *sentido*.

Heidegger desenvolve sua obra defendendo que a tradição filosófica ao buscar uma *fundamentação* para o ser cometeu um equívoco. A tradição, preocupada em encontrar um sentido último, um *arché* ⁵, que pudesse fundamentar e explicar o

³ Este termo aqui significa que na modernidade os filósofos ao produzirem suas obras tinham como fim estabelecer um conceito pronto a fim de pô-lo como modelo mais atual de pensar tentando desta maneira ultrapassar o pensamento de outro filósofo. Deste modo, a lógica permanecia e, assim como sua reflexão ultrapassou a do outro, a sua mais tarde, também seria. Com Nietzsche e Heidegger não houve isto, pois eles não procuram implantar nenhum novo fundamento que servisse como baliza para o agir ou existir, embora tenham sido críticos, sobretudo Nietzsche, desta lógica. Vattimo fala melhor sobre isto na sua obra *O fim da modernidade: hermenêutica e nihilismo na cultura pós-moderna*. (N. do A.)

⁴ VATTIMO, G. *O fim da modernidade: hermenêutica e nihilismo na cultura pós-moderna*, 1996, p. 06.

⁵ Princípio, fundamento último de todas as coisas. Os filósofos da natureza, Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto e Heráclito de Éfeso todos dos século VI ao V a. C., foram alguns dos filósofos que acreditavam em um Princípio fundamental que sustentava toda a realidade. Esta *arché* foi mais tarde chamada por Aristóteles de *ousía*, ou substância. (N. do A.)

mundo⁶ e a existência acabou por se prender ao ser das coisas e atribuindo ao ser características ônticas. Deste modo, acabou-se por se fechar na onticidade do mundo e, a partir desta “caracterizou” o ser. Ser e ente se identificou e passou a ser a base das relações, o *fundamento*. Esta tradição ganhou força na Idade Média, à medida que o pensamento cristão identificou-se com a tradição através da filosofia aristotélica. A ética cristã encontrou no aristotelismo uma *lógica fundamental* para se sobrepôr no meio pagão determinando assim as relações sociais durante toda a Idade Média, Moderna e, Contemporânea. É impressionante, ainda hoje se excomunga como dezessete séculos atrás. Toda esta tradição se manteve firme com esta roupagem até o século XIV quando a cultura renascentista começou a contestá-la, porém com o intuito de implantar outro sistema tão opressor quanto o anterior. Mudaram o cenário, as personagens, contudo a lógica do espetáculo continuou e continua a mesma.

Hoje, mesmo com o estado secularizado, isto é, num estado onde, não mais um pensamento mítico governa, mas a lei há, ainda, um forte império de uma *ética da determinação*. Desta vez, sua imposição se faz pelos desígnios do capitalismo. A secularização do estado se deu por uma necessidade do capitalismo em implantar as bases (*fundamento*) indispensáveis ao seu desenvolvimento. Pela determinação da economia, o capitalismo e, não mais (apenas) o poder clerical, invade as relações sociais. O poder do capitalismo controla todos os meios de relação: o social, o religioso, o político. Tudo isto seguindo a velha *lógica fundamentalista* da tradição, agora com uma nova máscara.

ANALÍTICA EXISTENCIAL E O FIM DA METAFÍSICA

Heidegger, em sua filosofia, propõe a destruição da metafísica, desenvolvendo assim, uma *ontologia*. Enquanto a tradição filosófica se perdeu nos inúmeros conceitos metafísicos vagos dados ao ser a partir de uma determinação ôntica, Heidegger, utilizando o método fenomenológico de Husserl, empreende-se na tarefa de perguntar pelo *sentido do ser*. Heidegger identifica duas coisas: o *ser* e o *ente*. Não há

⁶ Mundo, neste contexto, significa a realidade ôntica, a materialidade. Esta ressalva é feita porque Heidegger também utiliza esta palavra no sentido ontológico como “realidade” onde o *Dasein* é, diferentemente de lugar onde os demais *entes simplesmente dados estão*, a materialidade. Quando for utilizada a terminologia heideggeriana de mundo no sentido ontológico, esta será grafada em itálico. (N. do A.)

outro modo de se conhecer o ser, senão pelo ente. O ente é o *fenômeno* pelo qual o ser se *mostra*. Heidegger utiliza a palavra ente para designar todo e qualquer modo de ser. Ente é o ser *sendo, acontecendo*. Por isso, quando o homem busca o ser no ente, o ser se *retrai*, uma vez que o ente nunca é. O ente é sempre *sendo*. Heidegger chega a esta conclusão quando analisa o verbo ser no *étimos* grego. Ente deriva de *ontos* (ὄντος) que é o particípio do verbo ser, em grego, *eimì* (εἶμι). Em resumo, ente é o ser que *participa*. Heidegger observa também que há um ente que possui uma “característica” peculiar que nenhum outro ente possui.

Nós não *sabemos* o que diz ‘ser’. Mas já quando perguntamos o que é ‘ser’ nós nos mantemos numa compreensão do ‘é’, sem que possamos fixar conceitualmente este ‘é’. Nós nem sequer conhecemos o horizonte em que poderíamos apreender e fixar-lhe o sentido. *Essa compreensão do ser vaga e mediana é um fato.*⁷

Esta característica, ou seja, o fato deste ente especial ficar num estado de suspensão ao tentar conceituar o ser e, ao mesmo tempo, compreender o que diz ser, porém, sem conseguir pronunciar sua compreensão é o que Heidegger chama de *abertura* para o ser. É a partir deste fato que Heidegger vai fazer a distinção entre o modo de ser do homem e o modo de ser dos demais entes. O homem, identificado por Heidegger como *o ente que tem o modo de ser da pré-sença*, o *Da-sein*⁸ e os demais entes, identificados como *entes simplesmente dados*.⁹ A diferença entre eles é simples e Heidegger esclarece em *Que metafísica?* quando ele afirma que “o ente que é ao modo da existência é o homem. Somente o homem existe. O rochedo é, mas não existe. A árvore é, mas não existe. O anjo é, mas não existe. Deus é, mas não existe”.¹⁰ É importante ficar claro o sentido de existência para Heidegger. Ele parte da etimologia da palavra existir. *Ex-sistere*. *Ex* seria compreendido como um movimento de dentro para fora e *sistere* uma derivação da palavra ser. O significado, então ficaria *ser fora*. Numa análise mais rebuscada seria projetar para fora o *seu* ser. Quando se faz isto se

⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*, 1997, p. 30.

⁸ Ser-aí. O ente que está lançado do mundo. O ente que dá sentido ao mundo e a si mesmo a partir de sua relação com o *mundo*, com os demais *entes dotados do modo de ser da pré-sença* e com os *entes simplesmente dados*. Alguns tradutores como Márcia de Sá Cavalcante optam pelo nome *pré-sença*. Ela, entretanto não dá uma justificação plausível para a sugestão. Aqui, porém, arriscando uma possibilidade diríamos que é pelo fato deste ente estar lançado no mundo numa pré-compreensão. (N. do A.)

⁹ Todo e qualquer ente. Uma pedra, um sapato, uma árvore, Deus. (N. do A.)

¹⁰ HEIDEGGER. *Que é metafísica?*, 1983, p. 59.

consegue, então, ver a *si próprio*. Existir seria, em outros termos, ter a consciência de seu ser. Somente o homem tem esta capacidade. Concordando com a etimologia apresentada fica então explicado o porquê de ser o homem, um ente dotado do “caráter”¹¹ da *existência* em contraposição aos *entes simplesmente dados*. Heidegger explica o que diz ao fazer a seguinte observação:

A frase: “Somente o homem existe” de nenhum modo significa apenas que o homem é um ente real, e que todos os entes restantes são irreais e apenas uma aparência e representação do homem. A frase: “O homem existe” significa: o homem é aquele ente cujo ser é assinalado pela in-sistência ex-sistente no desvelamento do ser a partir do ser e no ser.¹²

Depois da constatação de que o ser se revela no ente e de que o homem é *o ente que tem o modo de ser do Dasein*, uma vez que possui a *abertura* para o ser Heidegger iniciou o que ele chamou de *analítica existencial*. Trata-se de submeter o homem ao método fenomenológico para que ele possa se mostrar *em seu ser*. O método fenomenológico utilizado em sua analítica existencial foi uma herança de seu mestre Edmund Husserl. Este método consistia em pôr todo o conhecimento produzido acerca de qualquer ente em suspensão para que deste modo ele, o ente, se revelasse em seu ser. No caso do homem tudo o que anteriormente foi dito pela História, Biologia, Sociologia e Antropologia eram colocadas de lado para que o homem se mostrasse no seu ser. Com a *epoché* ou *redução fenomenológica*, Heidegger realizou a analítica existencial do homem e com isto ele identificou alguns aspectos deste ente aos quais ele denominou de *existenciais*. O *ser-no-mundo*, a *existencialidade*, e a *de-cadência*. Os existenciais serão mais tarde unidos por Heidegger numa *totalidade originária* chamada *Cura*.

A analítica existencial permitiu a Heidegger identificar os *existenciais*. Estes modos de ser do *Dasein* se dão somente na medida em que o homem é *no-mundo*.¹³

¹¹ “Caráter” está aqui entre aspas porque na Ontologia heideggeriana, o *Dasein* não possui características. Quem possui características são os entes que são ao modo de ser dos *entes simplesmente dados*, uma vez que as características que nos são mostradas pelas *categorias* (Cf. HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, 2000, p. 92) são estáticas, o que não quer dizer determinadas. Heidegger afirma que o *Dasein* possui os *existenciais* que são modos de ser deste ente. A palavra “caráter” está aqui pode ser substituída por *modo de ser*. (N. do A.).

¹² HEIDEGGER. *Que é metafísica?*, 1983, p. 59..

¹³ *No-mundo* é um dos existenciais identificados por Heidegger. Esta expressão não tem o sentido ôntico empregado por alguns psicólogos como Binswagner, que utilizando a ontologia heideggeriana em suas pesquisas, identificou o *mundo* de Heidegger no sentido objetivo (ôntico) de ambiente onde o homem *está* (Cf. HEIDEGGER, M. *Semiários de Zollikon*, 2001, p. 218). A expressão *no-mundo*, por ser

Diferentemente dos outros entes o homem não *está*. Ele não é *sendo*. Ele é *no-mundo* porque ele *ex-siste*. Os entes simplesmente dados estão *sendo* na medida em que o ente que tem o modo de ser do *Dasein* dá sentido a eles. A ontologia de Heidegger é uma via de mão dupla. Os entes simplesmente dados estão *sendo* no sentido que o *Dasein* dá a eles e, o *Dasein*, dá sentido a sua própria existência na medida em que, ele mesmo, dá sentido aos entes e sentido a si mesmo. O mundo é o espelho do *Dasein*.

A POSSIBILIDADE DE UMA ÉTICA DA SUBJETIVIDADE

Compreendida em linhas gerais o pensamento crítico de Heidegger, cabe agora ver de que modo sua filosofia pode ser compreendida na problemática ética da *Pós-modernidade*. Como afirmou Vattimo, com a filosofia de Nietzsche e Heidegger o ser deixou de ser *estável, determinado e imposto* passando agora a ser compreendido, entre outros sentidos, como *evento*,¹⁴ isto é, como uma possibilidade de infinitas interpretações pelos seus múltiplos vieses especulativos. Sendo evento as estruturas metafísicas implantadas pelos grandes sistemas filosóficos que culminou numa ética da *uniformização* perdem seu lugar para uma ética da *escolha, da pluralidade, da subjetividade*. Quando Heidegger pensou numa *superação* da metafísica ele não fez por razões teóricas especulativas, mas éticas.¹⁵ Heidegger, na sua tentativa de superação da metafísica, afirmou ser a linguagem a casa do ser e que nesta casa o homem mora.¹⁶ Ele se propôs a arrumar esta morada. Para ele organizá-la é a mais primordial das tarefas no que tange a possibilidade de se pensar uma ética.

Se, portanto, de acordo com a significação fundamental da palavra *ethos*, o nome Ética diz que

um *existencial do ente que tem o modo de ser da pré-sença*, tem sentido ontológico porque é um caráter (*existencial*) deste ente em seu ser. (N. do A.)

¹⁴ Nietzsche e Heidegger pensam-no, ao contrário, como *evento*, sendo, portanto decisivo para eles, precisamente para falar do ser, compreender em que “ponto” nós e ele próprio estamos. A ontologia nada mais é que interpretação da nossa condição ou situação, já que o ser não é nada fora do seu “evento”, que acontece no seu e no nosso historicizar-se. (Cf. VATTIMO, G. *Op. Cit.* p. 08.)

¹⁵ Vattimo reconhece ainda, ao lado de Heidegger, ser a metafísica insuperável e, por isso, toma um caminho distinto: refuta a Metafísica não por razões de cunho teórico-especulativas, mas, por razões éticas, denuncia a falta de liberdade e a violência que configuram a estrutura do pensamento metafísico, especificamente, da lógica (in)superável da fundamentação, do princípio supremo e da verdade absoluta. (Cf. MAIA, A.G.B. *Notas preliminares da ética pós-moderna de Gianni Vattimo*. Texto disponibilizado na disciplina de Tópicos Especiais de Ética, ano 2009, p.08.)

¹⁶ HEIDEGGER, M. *Sobre o Humanismo*, 1983, p. 150.

medita a habitação do homem, então aquele pensar que pensa a verdade do ser como elemento primordial do homem enquanto alguém que ec-siste já é em si a Ética originária.¹⁷

O pensamento metafísico permitiu o surgimento de uma sociedade autoritária que nega a *individualidade subjetiva* do sujeito em nome de um controle da massa a fim de que esta possa atender às suas necessidades, na medievalidade, pautada num ideal religioso, na atualidade, num ideal consumista que sobrepuja qualquer tentativa do indivíduo ou de uma sociedade de agir eticamente.

Na atual sociedade, tida como pós-moderna, o homem ainda está preso às concepções metafísicas, desta vez impostas por uma sociedade de consumo. Você tem que *ter* o carro do ano; a roupa da grife; o celular de última geração, do contrário você está sujeito à discriminação, à exclusão por não fazer parte deste meio que a cada dia se uniformiza num ideal cada vez mais fraco e fútil. A subjetividade é afogada, reprimida em nome da moda, em nome do *ter*.

O pensamento de Heidegger dá uma resposta à vida. Não que ele o tenha pensado com este objetivo. Sua filosofia do *sentido* nos leva a busca do sentido que faz (que tem) a vida para *mim*, enquanto *sujeito livre* que *sou*. Sua vida tem o sentido que você quer que tenha e não o sentido que uma sociedade, sem sentido, quer que você *mantenha*, como se sua vida, para eles, fosse como uma máscara, onde por trás dela você esconde seu verdadeiro ser, *seu ser mais próprio*. Quando Heidegger fala de *angústia*, em sua obra, ele está nos remetendo à ideia de busca do *ser mais próprio* que o tempo todo está sendo reprimido pela *impropriedade* do mundo. É por isso que Vattimo vai falar da violência do pensamento metafísico.

(...) a tradição metafísica é a tradição de um pensamento “violento” que, ao privilegiar categorias unificadoras, soberanas, generalizadoras, no culto da *arché*, manifesta uma insegurança e um *pathos* de base que reage com um excesso de defesa. Todas as categorias metafísicas (o ser e os seus atributos; a causa primeira; o homem como “responsável”; mas também a vontade de poder, se for lida metafisicamente como afirmação e tomada de poder sobre o mundo) são categorias violentas.¹⁸

¹⁷ IDEM, *ibidem*, p. 171.

¹⁸ VATTIMO *apud* MAIA. *Notas preliminares da ética pós-moderna de Gianni Vattimo*, 2009, p. 10.

O que Heidegger pretendeu em sua obra foi apenas dizer que o homem, como o *ente que é o modo de ser da pré-sença* é o ente que está-aí que *é* enquanto ente que dá sentido aos *entes simplesmente dados*. A tradição metafísica, ao contrário, objetivou o homem tornando-o escravo das categorias metafísicas mantidas e impostas por uma classe, ou classes detentoras do poder, seja ele, clerical, político ou econômico. Sendo assim sua ontologia, que tem como fim, a superação da Metafísica no plano ético, uma vez que a anunciou como sendo “o crepúsculo da verdade dos entes,”¹⁹ ou seja, o fim das verdades metafisicamente postas, permite ao homem olhar-se como sujeito do *sentido* capaz de se libertar das amarras metafísicas que o conduz à *impropriedade* do seu ser, a fim de que, no exercício consciente de sua liberdade, ele possa se encontrar e poder ser o *seu ser mais próprio*, e no *seu ser mais próprio*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, M. *Carta sobre o Humanismo*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (COLEÇÃO OS PENSADORES)

_____. *Ensaio e Conferências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. *Que é Metafísica?*[1929]. Trad. Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (COLEÇÃO OS PENSADORES)

_____. *Ser e Tempo*[1927]. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. *Seminários de Zollikon* [1965]. Trad. Gabriela Arnhold. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LYRA, E. *O pensamento em Heidegger – a questão do pensamento como ética original*. Rio de Janeiro: PUC, 1999.

MAIA, Antônio G. B. *Notas preliminares da ética pós-moderna de Gianni Vattimo*. Texto disponibilizado na disciplina de Tópicos de Ética, Curso de Filosofia, UVA, 2009.

¹⁹ HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*, 1997, p. 62.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade: hermenêutica e niilismo na cultura pós-moderna* [1985]. São Paulo: Martins Fontes, 1996.